

# DIÁLOGOS SOBRE A PANDEMIA

A história das pandemias no Brasil

Randolfe Rodrigues  
Heloisa Starling  
Lilia Schwarcz

EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL

294

SENADO FEDERAL



## **Randolfe Frederich Rodrigues Alves**

Nascido em Garanhuns no interior de Pernambuco, é senador pelo Amapá, filiado à Rede Sustentabilidade. Aos 8 anos de idade, mudou-se para o Amapá com sua família, onde fixou residência e construiu sua vida.

É professor, graduado em História, bacharel em Direito e mestre em políticas públicas pela Universidade Estadual do Ceará e Presidente do Conselho Editorial do Senado Federal.

Deputado Estadual por duas vezes, sendo eleito pela primeira vez em 1998 e reeleito em 2002. Em 2010, foi eleito o mais jovem senador daquela legislatura, tendo obtido a maior votação da história do Amapá: mais de 200 mil votos. Em 2015, filiou-se à Rede Sustentabilidade. Em 2018, foi reeleito senador com mais de 264 mil votos, a segunda votação mais expressiva do Brasil e a maior do Amapá.

Seis vezes escolhido como o melhor senador do Brasil no prêmio Congresso em Foco pelos jornalistas setoristas do Congresso Nacional e seis vezes eleito como um dos “100 Cabeças do Congresso”, pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar - DIAP.

## **Lilia Moritz Schwarcz**

Historiadora, antropóloga, escritora, professora titular na Universidade de São Paulo e fundadora da editora Companhia das Letras. Lilia Moritz Schwarcz nasceu em São Paulo em 1957. É autora de importantes obras como *Raça e Diversidade* (1996); *As Barbas do Imperador*, sobre a vida de Dom Pedro II (1998); e publicou, junto com Heloisa M. Starling, o livro *Brasil: Uma Biografia* (2015), ganhador do 61º Prêmio Jabuti, na categoria Livro do Ano. E desde 2015 atua como curadora adjunta para histórias e narrativas no Museu de Arte de São Paulo (MASP).

## **Heloisa M. Starling**

Historiadora, cientista política, pesquisadora e professora na Universidade Federal de Minas Gerais. Heloisa Maria Murgel Starling nasceu em 1956 em Minas Gerais. Seu primeiro livro foi sua dissertação de mestrado, *Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 1964*. É autoridade nacional em estudos sobre a ditadura e a república brasileiras. Ao longo de sua carreira publicou quase 50 livros como *Os senhores das gerais* (1986), *Lembranças do Brasil* (1999), *Brasil: uma biografia* (2015, com Lilia M. Schwarcz) ganhador do 61º Prêmio Jabuti na categoria Livro do Ano.

# *Diálogos sobre a Pandemia*

Covid-19: a história das pandemias no Brasil

*Senado Federal*

**Mesa**

**Biênio 2021–2022**

**Senador Rodrigo Pacheco**

*Presidente*

**Senador Veneziano Vital do Rêgo**

1ª Vice-Presidente

**Senador Irajá**

1ª Secretário

**Senador Rogério Carvalho**

3ª Secretário

**Senador Romário**

2ª Vice-Presidente

**Senador Elmano Férrer**

2ª Secretário

**Senador Weverton Rocha**

4ª Secretário

*Suplentes de Secretário*

**Senador Jorginho Mello**

**Senador Luiz do Carmo**

**Senadora Eliziane Gama**

**Senador Zequinha Marinho**

*Conselho Editorial*

**Senador Randolfe Rodrigues**

Presidente

**Esther Bemerguy de Albuquerque**

Vice-Presidente

*Conselheiros*

Alcinéa Cavalcante

Aldrin Moura de Figueiredo

Ana Luísa Escorel de Moraes

Ana Maria Martins Machado

Carlos Ricardo Cachiollo

Cid de Queiroz Benjamin

Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque

Eduardo Bueno

Elisa Lucinda dos Campos Gomes

Fabrcio Ferrão Araújo

Heloisa Starling

Ilana Feldman Marzochi

Ilana Trombka

João Batista Gomes Filho

Ladislau Dowbor

Márcia Abrahão Moura

Rita Gomes do Nascimento

Vanderlei dos Santos Catalão

Toni Carlos Pereira

# *Diálogos sobre a Pandemia*

Covid-19: a história das pandemias no Brasil

Edições do Senado Federal

vol. 294

Brasília - 2021

SENADO FEDERAL



EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL  
VOL. 294

---

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país e também obras da história mundial.

Organização e Revisão: SEGRAF  
Editoração eletrônica: SEGRAF  
Ilustração de capa: SEGRAF

Projeto gráfico: Eduardo Franco  
© Senado Federal, 2021  
Congresso Nacional  
Praça dos Três Poderes s/n<sup>a</sup>  
CEP 70165-900 — DF

[cedit@senado.gov.br](mailto:cedit@senado.gov.br)

<http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm>

Todos os direitos reservados

ISBN: 978-65-5676-151-0

Diálogos sobre a pandemia : covid-19 : a história das pandemias no Brasil. --  
Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2021.  
53 p. -- (Edições do Senado Federal ; v. 294)

Resultante da live realizada em 14/08/2020, que teve por convidadas Heloisa Murgel Starling e Lilia Moritz Schwarcz e por mediador o senador Randolfe Rodrigues.

Inclui glossário.

1. Covid-19, Brasil. 2. Pandemia, história, Brasil. 3. Gripe, Brasil, 1918-1919.  
I. Série.

CDD 614.592414

# *Sumário*

APRESENTAÇÃO	7
LIVE - DIÁLOGOS SOBRE A PANDEMIA – 14/8/2020 Covid-19: a história das pandemias no Brasil.	11
NOTA DO EDITOR	13
GLOSSÁRIO	51





# Apresentação

A cada final de ano, em meados do mês de dezembro, já com as luzes de Natal sendo acesas, sempre volta à minha memória a primeira estrofe da poesia *Esperança*, de Augusto dos Anjos<sup>1</sup>:

A Esperança não murcha, ela não cansa,  
Também como ela não sucumbe a Crença,  
Vão-se sonhos nas asas da Descrença,  
Voltam sonhos nas asas da Esperança.

Seguindo essa métrica, no final de 2019, apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelo país, eu guardava no coração uma grande esperança de que 2020 poderia ser um ano melhor para o povo brasileiro. O cenário não era dos mais favoráveis: o dólar fechava o ano com uma alta de 3,5% e o desemprego passava de 11%; além do que, persistia acima de 4% a taxa de desalento – pessoas que deixaram de procurar emprego por algum motivo –, tudo isso em um ano em que o país sofreu com efeitos da guerra comercial entre Estados Unidos e China e conflitos na Síria, Afeganistão e Iêmen deixavam feridas abertas. Mesmo assim, havia esperança.

---

1 Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos (1884-1914), professor e poeta pré-modernista brasileiro. Suas obras foram marcadas por ideias modernas, que davam espaço à morbidez e ao pessimismo.

O que ninguém sabia é que uma bomba-relógio estava armada e explodiria em 2020, tornando este um ano dos mais desafiadores de toda a história da humanidade. Ainda no último dia de dezembro, autoridades chinesas alertaram para o surgimento de uma série de casos de pneumonia de origem desconhecida na cidade de Wuhan, que tem cerca de 11 milhões de habitantes. Já no ano seguinte, em 7 de janeiro, a Organização Mundial da Saúde conseguiu analisar o sequenciamento genético causador da doença e descobriu que se tratava do novo coronavírus. O governo chinês rapidamente isolou a cidade do mundo. Trens e aviões partindo de Wuhan foram suspensos, e as rodovias, bloqueadas.

Mas já era tarde: o coronavírus estava em trânsito e se espalhou pela Europa e pelos Estados Unidos com velocidade assustadora. No Brasil, as autoridades do Ministério da Saúde tomaram conhecimento de que poderia haver algo errado no dia 3 de janeiro e pediram esclarecimentos à OMS. O Ministério iniciou protocolos para se preparar diante do desconhecido. Somente no dia 11 de março a OMS elevou o estado de contaminação à pandemia e orientou severamente quanto ao uso de máscaras e distanciamento social. No Brasil o primeiro caso oficialmente confirmado ocorreu em São Paulo no dia 26 de fevereiro, e a primeira morte registrada pelo MS também aconteceu na capital paulista. Foi no dia 12 de março que uma mulher de 57 anos, que estava internada no Hospital Municipal Doutor Carmino Cariccio, perdeu a luta contra a covid-19. Quando escrevo este texto, mais de 160 mil brasileiros perderam a vida, vítimas da pandemia do novo coronavírus, a maioria sepultada sem a presença de seus familiares devido a restrições impostas pelas autoridades sanitárias.

A pandemia por si só é assustadora e traz consigo medo e ansiedade acerca de um futuro incerto. No Brasil, o quadro foi piorado drasticamente com o governo federal expondo a própria população a riscos e desinformações. As mortes de milhares de vítimas e o colossal sofrimento

de seus familiares formaram cicatrizes indelévels que vão marcar para sempre o tecido da sociedade brasileira.

Diante desse quadro terrível, o Conselho Editorial do Senado Federal, do qual tenho a honra de ser o presidente, assumiu o firme compromisso de debater com os profissionais mais qualificados do país os vários ângulos que envolvem a questão da mais séria crise sanitária da história moderna já enfrentada pela humanidade: a pandemia da covid-19. Sempre com respeito às regras de distanciamento social, decidimos por realizar esse trabalho de forma virtual, recebendo nossos entrevistados via chamadas de vídeo, o que se mostrou uma decisão acertada para a garantia da prevenção da saúde de todos os envolvidos.

Conduzir o projeto “Diálogos sobre a Pandemia” foi uma jornada muito significativa para mim. Nela tive a oportunidade de discutir com meus convidados muitos detalhes que permeiam a crise da pandemia do novo coronavírus, e, com isso, conseguimos construir cenários daquilo que poderá ser nossa vida num futuro próximo. O que a pandemia deixa de mais claro é que grandes desafios somente podem ser vencidos com a união de pessoas desapegadas de suas vaidades e governos que coloquem como prioridade a vida humana. Boa leitura!



*LIVE*

DIÁLOGOS SOBRE A PANDEMIA

*Data: 18/9/2020*

## *Covid-19: a história das pandemias no Brasil.*

***Convidadas:*** Heloisa Murgel Starling, historiadora e cientista política (UFMG), e Lilia Moritz Schwarcz, historiadora e antropóloga (USP e Princeton). Elas analisam a história das pandemias no país e debatem influências e aprendizados do passado para o enfrentamento da covid-19. Autoras de diversas publicações sobre a história do Brasil, as pesquisadoras estão lançando livro com um relato da pandemia de gripe espanhola no país.

***Mediador:*** Randolfe Rodrigues, senador representante do estado do Amapá e presidente do Conselho Editorial do Senado Federal (Cedit)



## Nota do editor

No dia em que esta *live* foi ao ar, 18 de setembro de 2020, o Brasil vivia dias muito difíceis. O consórcio de veículos de imprensa já havia divulgado levantamento da situação da pandemia de coronavírus no país a partir de dados das secretarias estaduais de Saúde. De acordo com o consórcio, foram registradas, somente naquele dia, 826 mortes decorrentes da covid-19, o que levou a um total de 135.857 óbitos desde o começo da pandemia. Os principais jornais publicaram manchetes que deixaram aquele momento ainda mais preocupante. *O Globo* avisava que a “Fome volta a ser grave problema social no Brasil”, e *O Estado de S. Paulo* destacava: “Pantanal queima e caminha para pior registro da história”.

Com a carga desse dia em mente, o anfitrião, senador Randolfe Rodrigues, recebeu suas convidadas, Heloisa Murgel Starling e Lilia Moritz Schwarcz, para esta *live* bastante saborosa, que em vários momentos lembrou um encontro entre velhos amigos, talvez porque os três desfrutaram de uma paixão em comum: a História.

Mas por que duas historiadoras reconhecidas estariam em uma *live* na qual o assunto era a pandemia do novo coronavírus? Simples: Heloisa e Lilia estavam lançando, naquele momento, um novo livro, *A bailarina da morte: a história da gripe espanhola*, mais um texto fluido da dupla responsável por outra obra importante da história brasileira – *Brasil: uma biografia*. No novo texto, as autoras compartilham com o público algumas descobertas que ajudam a montar o perfil de um Brasil apegado a credices. Por exemplo, durante o enfrentamento da pandemia de gripe espanhola, em 1918, havia muitas semelhanças com o que ocorre atualmente, como um certo pensamento mágico do governo brasileiro em



apoiar o uso da cloroquina, que não é um medicamento recomendado pela OMS. Naquela época, na contramão dos cientistas, vários setores da sociedade divulgavam o sal de quinino, usado no combate à malária, como medicamento capaz de curar a gripe. Como se sabe, o sal de quinino não funcionou contra a gripe espanhola, assim como a cloroquina não funciona contra a covid-19.

Outra revelação trazida pelas “meninas” destruiu uma crença que perdurava por décadas. O ex-presidente Rodrigues Alves, primeiro político a ser eleito duas vezes para o cargo, que morreu antes de tomar posse pela segunda vez, não foi vítima da gripe espanhola, mas sim de uma doença chamada assistolia pernicioso, enfermidade que estava com ele pelo menos desde 1912. Nesse caldeirão de revelações, alegrias e tristezas, desenvolveu-se essa conversa em formato de *live* – aqui reproduzida em texto –, coisa da modernidade, sem deixar de lado aquele jeito hospitaleiro de um encontro entre amigos. Leia e desfrute!

Assista à *live* completa acessando o link:

<https://www.youtube.com/watch?v=q0aGCA97hAU>

*Senador Randolfe Rodrigues:* Olá, boa tarde a todos e a todas que nos acompanham aqui pelo YouTube da TV Senado e também pelas nossas redes sociais! Nós estamos iniciando mais um dos “Diálogos sobre a Pandemia”. Este é o último de uma série de diálogos que fizemos aqui, acompanhando de perto este momento dramático que toda a humanidade e nós todos brasileiros estamos atravessando. Já conversamos com o professor Miguel Nicolelis e já tivemos também uma conversa muito interessante sobre educação com Priscila Cruz, da ONG Todos Pela Educação, e com o ex-reitor da Universidade de Brasília e ex-senador, professor Cristovam Buarque.

Hoje estou extremamente feliz em participar deste encontro. Como vocês sabem, sou historiador, e não é sempre que consigo conversar com duas mulheres que considero as maiores autoridades da História do Brasil. Sou muito fã de ambas. Uma delas é membro do Conselho Editorial do Senado e autora de diversos livros, além de professora da Universidade Federal de Minas Gerais. Quero aproveitar a oportunidade para falar sobre o último livro dela. Trata-se de um livro sobre uma pandemia – olha só que interessante – de uma infecção viral respiratória de alcance global, cuja importância foi inicialmente subestimada e tratada com negação. Não, não estamos falando da pandemia do coronavírus. Estamos falando de uma pandemia que nós vivemos no Brasil há mais de 100 anos. Parece música de Cazuzá<sup>2</sup>: “Eu vejo o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades. O tempo não para”.

---

2 Azenor de Miranda Araújo Neto (1958-1990), o Cazuzá, foi um cantor, compositor, poeta e letrista brasileiro, aclamado pela crítica como um dos principais poetas da música brasileira.

*A bailarina da morte: a história da gripe espanhola*, de Heloisa Starling e Lilia Schwarcz, já está à disposição. Já está à venda nas livrarias, faço questão de destacar. Ainda não tive acesso específico a essa obra, mas já tive acesso a várias outras obras de Heloisa, e nos honra muito tê-la no Conselho Editorial. Uma dessas obras é *Ser republicano no Brasil colônia*, da qual eu também recomendo a leitura.

A nossa outra convidada brilhou recentemente numa entrevista no programa *Roda Viva*, da TV Cultura de São Paulo. Só de anunciar esta *live* dizendo que estaria com Lilia Schwarcz, todo mundo pediu um autógrafo para mim, só por imaginar que eu já a conheço. Na verdade, eu não tive o prazer de conhecer pessoalmente a Lilia. Heloisa, não fique com ciúmes, já sou seu fã há muito tempo. Lilia tem um livro junto com Heloisa, que recomendo muito: *Dicionário da república: 51 textos críticos*, material organizado por ambas. São duas obras que falam muito desses pouco mais de 100 anos de república. É interessante que estamos às vésperas do bicentenário da independência, Lilia fala muito disso na entrevista recente no *Roda Viva*. Então, acho que é uma das reflexões necessárias a serem feitas também sobre esses 200 anos de independência e esses 100 anos de república.

Antes de começar, de passar a palavra para essas duas referências – não sei se cabe este termo em português –, essas duas ídolas para mim, referências e autoridades da historiografia do Brasil, preciso destacar um ponto. Nós estamos num momento em que não poderíamos terminar melhor esses “Diálogos sobre a Pandemia” do que conversando sobre história. Há uma poesia do Chico<sup>3</sup> que diz: “História é um trem alegre que

---

3 Francisco Buarque de Hollanda é um músico, dramaturgo, escritor e ator brasileiro, conhecido por ser um dos maiores nomes da música popular brasileira.

atropela indiferente todo aquele que a nega”<sup>4</sup>. Eu acho que, no Brasil, nós atropelamos a história e acabamos repetindo, na pandemia de 2020, muitos dos erros da pandemia de 1918. Vamos falar sobre isso também, mas eu tenho que fazer aqui, ao conversar com duas historiadoras, um comercial de uma produção que nós temos pelo Conselho Editorial do Senado há algum tempo, o *Arquivo S*. Acho que a Heloisa tem, e, se a Lilia ainda não tem, vamos fazer chegar a ela. Trata-se de uma publicação do Senado feita por jornalistas que escrevem o dia a dia desta instituição, com várias passagens do Senado na história do Brasil, inclusive com um capítulo sobre Ruy Barbosa<sup>5</sup> na parte que fala sobre o Senado no Império. Não poderia deixar, já que estamos aqui com duas historiadoras, de fazer referência a essa produção do Conselho Editorial.

Meninas – permitam-me chamá-las de meninas –, que honra enorme, que felicidade enorme de estar aqui com vocês, conversando sobre história. Para mim, como historiador, é uma realização profunda. Eu diria até, parodiando uma poesia, que é mais do que mereço, para mim, estar aqui com vocês; é ir mais longe do que mereço, ter mais que eu esperava da vida, estar com vocês duas. Heloisa, boa tarde. É um prazer estar contigo!

*Heloise Starling:* Boa tarde, senador! Boa tarde a todos! Oi, Lilia, estou com saudades de você. Senador, estou com saudades de nossas reuniões do Conselho Editorial. Quero fazer uma reclamação e um adendo:

---

4 A estrofe original da canção, chamada *Cancion por la unidad latinoamericana*, é a seguinte: “A História é um carro alegre / Cheio de um povo contente / Que atropela indiferente / Todo aquele que a negue”.

5 Ruy Barbosa de Oliveira (1849-1923) foi um polímata brasileiro, tendo se destacado como jurista, advogado, político, diplomata, escritor e jornalista. Foi coautor da Constituição da Primeira República e atuou na defesa do federalismo e do abolicionismo e na promoção dos direitos e garantias individuais.

a reclamação é que eu não ganhei essa coleção coisíssima nenhuma. O senhor está protegendo a Lilia.

*Randolfe Rodrigues:* Já quitarei a dívida.

*Heloisa Starling:* Estou vendo a proteção a Lilia, e isto é um absurdo! Quero que conste em ata que estou protestando contra a proteção a Lilia. E a outra coisa, senador, esse *Arquivo S* é muito importante. No livro que Lilia e eu fizemos sobre a gripe espanhola, foi muito importante o trabalho de um jornalista chamado Ricardo Westin<sup>6</sup>. Ele fez um *Arquivo S* sobre a questão da morte do ex-presidente Rodrigues Alves<sup>7</sup>, entrevistou José Murilo de Carvalho<sup>8</sup> e serviu para nós de referência. Ele fez uma matéria muito bacana sobre a gripe espanhola, talvez uma das melhores que eu tenha visto.

*Randolfe Rodrigues:* Então, Heloisa, deixa eu começar nosso diálogo, provocando você e Lilia. Considerado o contexto da tragédia que estamos vivendo, mais de 130 mil brasileiros mortos e mais de 4 milhões de contaminados, tudo que essa tragédia está nos obrigando a vivenciar, tudo o que está acontecendo, o papel do poder público nisso... Eu queria perguntar para vocês duas o seguinte: vocês diriam que estamos vivendo situação similar à de 1918 ou talvez pior do que a de 1918, tendo em vista

---

6 Repórter do Portal Senado Notícias, em que escreve a seção Arquivo S.

7 Francisco de Paula Rodrigues Alves (1848-1919) foi um advogado, político brasileiro, presidente da província de São Paulo, ministro da Fazenda e quinto presidente do Brasil.

8 José Murilo de Carvalho é um cientista político e historiador brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras.

os avanços da tecnologia que nós temos? Eu começo provocando vocês duas sobre isso.

*Heloisa Starling:* Essa pergunta é difícil, deixa a Lilia falar para eu pegar carona. Vai, Lilia. Eu estou com saudades de ouvi-la.

*Randolfe Rodrigues:* Lilia, seja bem-vinda!

*Lilia Schwarcz:* Vamos lá. Também estou com saudades da Heloisa e muito feliz por estar aqui. Eu não conheço o senador pessoalmente, mas já o conheço de vê-lo e ouvi-lo. É muito importante seu papel neste momento, nessa república do Brasil que vai deixando tanto a desejar. A pergunta é ótima para começar. Quais são as semelhanças e quais são as diferenças? As semelhanças são muitas, a começar, senador, por uma certa crença no pensamento mágico, no sentido de o governo brasileiro apoiar o uso da cloroquina, que não é um medicamento recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). No contexto de 1918, Heloisa e eu pesquisamos, o remédio que era muito utilizado e também não era recomendado pelos cientistas da época era o sal de quinino, que também combatia a malária e que também não funcionava para o caso da gripe espanhola, como a cloroquina não funciona para a covid-19.

*Rodolfe Rodrigues:* Que, por sinal, tem o mesmo princípio ativo da cloroquina...

*Lilia Schwarcz:* Mesmo princípio ativo da cloroquina. Então, essa é uma comparação, um paralelo muito forte. Até porque, em 2020, o presidente virou garoto-propaganda da cloroquina. Em 1918, nenhuma autoridade brasileira apoiou tal medicamento. O outro paralelo importante, e que o senhor já citou quando falou do nosso livro, é a questão do negacionismo.

Existiu muito negacionismo em 1918, e existiu muito aproveitamento político também. Mas, em 1918, alguns estados não aderiram a esse tipo de comportamento, algo que nós temos visto agora em 2020. Penso que talvez, em 1918 – Heloisa vai completar a informação –, estávamos no começo da república, e a saúde tinha sido federalizada. A política de saúde deve ser dos próprios estados. Mas muitos estados trabalharam lado a lado com grandes especialistas da área da saúde os orientando. Tudo muito diferente do que estamos vendo agora. O certo é que a história não é só evolução, ela também pode voltar atrás. Acho que, nesse aspecto em específico, nós estamos mais atrás do que no século passado, ou seja, em 1918.

*Randolfe Rodrigues:* Permita-me. Você fez uma correção na propaganda do livro. Eu tinha falado Heloisa, mas o livro é de Heloisa e Lilia. É indispensável lembrar isso. Aliás, desejo que essa parceria de vocês duas seja profícua, sempre duradoura. A historiografia do Brasil e historiadores amam e se apaixonam cada vez que se declinam sobre seus livros.

*Heloisa Starling:* Lilia tem razão. Há muitas semelhanças: a questão da negação, a questão também que vimos principalmente em Pernambuco, com a cidade de Recife disposta a maquiagem estatísticas, falsear estatísticas para poder fingir que a gripe não tinha essa força.

*Lilia Schwarcz:* Porto Alegre também, Heloisa.

*Heloisa Starling:* Porto Alegre censurou. Foi aquilo que você descobriu. A descoberta foi sua, Lilia. Lembra que eu falei: Lilia Schwarcz! Porto Alegre também. Isso você tem que contar, porque foi lá que houve censura. Pernambuco não teve censura, Pernambuco teve maquiagem.

*Randolfe Rodrigues:* Heloisa e Lilia, só para quem está nos assistindo ter ideia: qual foi a dimensão da pandemia de 1918? Chegou a todas as regiões do Brasil? Teve o mesmo alcance desta que estamos vivendo agora?

*Heloisa Starling:* Sim. Nós não temos certeza sobre tudo, mas, até onde pesquisamos, o vírus chegou com o navio Demerara<sup>9</sup> no Recife e foi fazendo escalas: Recife, Salvador, depois o Rio de Janeiro. Do Rio de Janeiro ele vai para o interior e ainda Porto Alegre e Curitiba, e então chega ao interior do Brasil, das capitais ele vai para o interior. Depois sobe, Manaus, Belém e sobe o Rio Purus<sup>10</sup> até chegar ao Acre.

*Lilia Schwarcz:* Ela não falou de nossos estados! O navio Demerara parou em Santos, também chegou a São Paulo. Temos essa querela, senador! O senhor notou? Nem de Minas, tampouco de Minas!

*Heloisa Starling:* Ele não parou na lagoa da Pampulha. O vírus segue dois vetores e pega o Brasil inteiro, inclusive o interior. Talvez os últimos lugares ainda em 1919. Manaus, onde você identificou uma segunda onda do surto, e Goiânia foram os últimos lugares. Então, o vírus se espalha pelo Brasil inteiro.

*Lilia Schwarcz:* Isso que a Heloisa está chamando à atenção é muito importante, porque o que nós queremos fazer, e podemos fazer, e que estamos vendo agora em 2020 com a covid-19, é como já existem mais de 50 povos indígenas afetados. Também no contexto de 1918, nós levantamos

---

9 Navio inglês, vindo de Lisboa, que desembarcou doentes no Recife, em Salvador e no Rio de Janeiro em setembro de 1918.

10 Curso de água da Amazônia, que percorre o território do Peru e dos estados do Acre e do Amazonas.



como o país foi negligente em relação às populações indígenas, como elas foram duramente afetadas. No caso de 1918, há registros de nações que sumiram do mapa, tal foi a violência, a letalidade do vírus.

*Heloisa Starling:* É aquilo a que você me chamou a atenção também, Lilia, que acho ser muito importante dizer aqui: o fato de que o vírus, seja da gripe espanhola, seja da covid-19, não cria nada, mas escancara a realidade. O que você pontuou, e nós fomos pesquisar e comprovamos, é que o vírus tem cor, tem endereço. Ele vai escancara o grau de desigualdade no Brasil. Vai atingir a população pobre, preta, nas periferias. Então, não cria uma realidade, mas escancara aquilo que nós temos de mais doloroso e, também, de bom. Porque há algumas diferenças que em 1918 se manifestaram e que devemos depois falar, e hoje é como se nós estivéssemos regredindo mais ainda.

*Randolfe Rodrigues* Então, eu gostaria de perguntar a vocês duas uma questão. Há muito pouca literatura sobre a tragédia de 1918. Até há bem pouco tempo, inclusive, tem uma obra que dizia da pandemia esquecida, que falava disso. Por isso, a nova obra de vocês é uma preciosidade nesse mar de desconhecimento. Por que se falou tão pouco? Por que tão poucos registros históricos? Heloisa mesmo falou: vocês tiveram até dificuldades em buscar as fontes, em pesquisar o que aconteceu. Por que se procurou apagar da história nacional essa tragédia que ocorreu em 1918?

*Heloisa Starling:* Não sei. Lilia Schwarcz? Você tem um achado aí na conclusão que eu acho legal.

*Lilia Schwarcz:* Eu penso que temos alguns aspectos a considerar. Primeiro, Heloisa e eu fazemos um elogio rasgado às teses e dissertações que foram publicadas, e livros também, sobre o tema. Mas essa é a primeira

vez que se pensa no Brasil como um todo. Existem teses sobre a gripe em Belém, em Manaus, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, em praticamente todas essas capitais.

O que impressiona, e acho que a sua questão é muito boa, é como nós somos uma civilização acostumada ao corpo sadio, não ao corpo doente. Isso é muito impressionante. Nós dizemos isto na conclusão: depois da Primeira Guerra Mundial e, também, da gripe espanhola de 1918, houve uma espécie de sequestro da morte; uma espécie de morte da morte. Porque o que acontece hoje? Os doentes saem das suas casas e vão para os hospitais. Não que os hospitais não tenham importância, ao contrário, mas é uma forma de apartar a doença. Só existem grandes rituais de celebrações, não é? Naquela época, não. A doença fazia parte da realidade. A peste deixou todo tipo de relato. Desde a *Ilíada*<sup>11</sup> até Albert Camus<sup>12</sup>, que virou um *best-seller* nesse momento; grandes escritores como José Saramago<sup>13</sup> e Gabriel García Márquez<sup>14</sup>. Mas o que impressiona é que os nossos grandes cronistas – e o Brasil é famoso pela crônica – se calam, de certa maneira. Temos um Érico Veríssimo<sup>15</sup> falando depois, um Pedro

---

11 Um dos dois principais poemas épicos da Grécia Antiga (século VIII a.C.) de autoria atribuída ao poeta Homero, que narra os acontecimentos decorridos no período de 51 dias durante o nono e penúltimo ano da Guerra de Troia.

12 Albert Camus (1913-1960) foi um escritor, filósofo, romancista, dramaturgo, jornalista e ensaísta franco-argelino. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1957.

13 José de Sousa Saramago (1922-2010) foi um escritor português. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1998.

14 Gabriel José García Márquez (1927-2014) foi um escritor, jornalista e político colombiano. Considerado um dos autores mais importantes do século XX. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1982.

15 Erico Lopes Verissimo (1905-1975) foi um escritor brasileiro muito popular no século XX.

Nava<sup>16</sup> lembrando, mesmo um Nelson Rodrigues<sup>17</sup>, após a passagem da “espanhola”, mas, naquele momento, é impressionante como não se produziu conhecimento. E, fazendo o mea-culpa, quando Heloisa e eu escrevemos *Brasil: uma biografia*, nós comemos uma mosca, porque também não nos referimos à gripe espanhola. Aliás, foi essa falta que nos mobilizou muito, porque procuramos correr atrás do atraso. Então, em vez de só falar do outro, precisamos falar de nós mesmas.

*Randolfe Rodrigues:* Eu, como leitor de *Brasil: uma biografia*, já falei para Heloisa... A Heloisa vive dizendo o seguinte: que ela quer ver prestação de contas das leituras, entendeu? Ela cobra. Ela, como professora, cobra. Vocês duas são professoras, uma da Universidade de São Paulo e outra da Universidade Federal de Minas Gerais, e imagino que os alunos devem sofrer na mão de vocês. Porque a Heloisa fica cobrando. Mas, enfim, como leitor de *Brasil: uma biografia*, isso é o que me chamou a atenção. É importante até destacar isso porque realmente, na historiografia em geral, há pouca referência a esse período. Deixem-me perguntar uma outra questão para vocês...

*Heloisa Starling:* Permita-me só dar um palpite nessa questão da leitura. É isso mesmo! Na obra *Brasil: uma biografia*, nós não nos demos conta. Algo aconteceu e nós apagamos a memória e o aprendizado da gripe espanhola. Tem um filósofo, o Eduardo Jardim<sup>18</sup>, que diz: uma experiência, para ser absorvida, precisa ser narrada. E, por alguma razão, nós não narramos a tragédia que foi a gripe espanhola. Então, ela vai

---

16 Pedro da Silva Nava (1903-1984) foi um médico e escritor brasileiro.

17 Nelson Falcão Rodrigues (1912-1980) foi um escritor, jornalista, romancista, teatrólogo, contista e cronista brasileiro. É considerado o mais influente dramaturgo do Brasil.

18 Filósofo, escritor e professor brasileiro.

aparecer nos nossos romancistas, como Guimarães Rosa<sup>19</sup> e Senhora Leandro Dupré<sup>20</sup>, sempre como um cenário. Olha, tem a “espanhola”. Foi no tempo da “espanhola”. Mas não há uma narrativa; a não ser um livro, que é um livro experimental, que é o *Gripe*, um livro muito legal que narra a experiência da gripe espanhola em Curitiba. Aí, sim, a gripe é a protagonista do livro. Até onde eu pesquisei, e Lilia Schwarcz também, nós só encontramos esse livro em que a gripe espanhola está no centro da questão. Por alguma razão nós não aprendemos. E outra coisa, você tem toda uma literatura da peste, mas não tem uma literatura da gripe espanhola. Isso diz muito. Porque o Camus fala: da peste a gente aprende, da peste a gente ganha conhecimento e memória. Nós vivemos a peste há 100 anos. E, por alguma razão, apagamos o conhecimento e a memória que ela nos forneceu. Isso é uma questão que nós temos que pensar, sabe?

*Randolfe Rodrigues:* Lilia, desculpa, eu quero só fazer uma provocação rapidamente. Não perca a deixa da Heloisa. Você falou do sal de quiniño, que foi muito recomendado na época. Pelos registros que você tem, parece-me que o então presidente Rodrigues Alves foi vítima, inclusive, da pandemia de 1918.

*Heloisa Starling:* Não é o que dizem os registros históricos.

*Lilia Schwarcz:* Mas pode fazer a pergunta que nós completamos aqui.

---

19 João Guimarães Rosa (1908-1967) foi um escritor, romancista, contista e médico brasileiro, considerado por muitos o maior escritor brasileiro do século XX e um dos maiores de todos os tempos.

20 Maria José Dupré, que também utilizou o pseudônimo Sra. Leandro Dupré (1898-1984), foi uma escritora brasileira que ficou conhecida por sua obra-prima *Éramos seis*.

*Randolfe Rodrigues:* Corrijam o que tiverem de corrigir. Então, dizia-se que o próprio presidente Rodrigues Alves tinha sido uma das vítimas da pandemia de 1918, mas parece que o presidente e as autoridades de saúde não recomendavam o sal de quinino, porque não havia comprovação científica. É paradoxal com o que o presidente da República faz neste momento, agora. Afinal, ele é o principal incentivador, não é? Qual o paralelo disso, quais as consequências? Parece-me que isso traz uma consequência muito mais grave da pandemia de 2020 – por mais paradoxal que seja, porque são mais de 100 anos depois, com todos os avanços tecnológicos – do que da pandemia de 1918. Há um ambiente, assim, de *déjà vu*, de retrocesso, do que deveria ter ocorrido.

*Lilia Schwarcz:* Eu concordo totalmente. Heloisa, você quer falar?

*Heloisa Starling:* Não. Só contar o comprimido que a gente achou. Mas eu conto depois.

*Lilia Schwarcz:* Falamos muito em jogral. Então, tanto faz mesmo. Essa pergunta é perfeita, senador, porque, na época, as autoridades não apostaram no sal de quinino. Claro, vai depender um pouco de estado a estado, mas o que vigorou como convenção foi a ideia do isolamento, do uso de máscara, da assepsia. Contavam-se inclusive histórias terríveis do sal de quinino. Eram lendas urbanas que diziam que a pessoa tinha tomado sal de quinino, desmaiado na rua por causa dele, porque diziam que a substância, como a cloroquina, provocava taquicardia. E mais: que o carroceiro tinha passado – isso eles contam em São Paulo –, levado o corpo e enterrado vivo o paciente. Claro que isso é muito folclore urbano, como Heloisa e eu deixamos claro no livro. Mas o certo é que as autoridades não apoiaram a medicação.

Isso é muito diferente do que nós estamos vivendo agora, com o Executivo apoiando, incentivando, inclusive produzindo esse medicamento. Então, é muito evidente o retrocesso. E, quanto a Rodrigues Alves, eu vou começar, porque a Heloisa vai terminar, eu sei. Mas há um capítulo no livro que se chama “Quem Matou Rodrigues Alves?”. E, senador, toda a historiografia, a partir de certo momento, passou a dizer que Rodrigues Alves teria morrido da “espanhola”. No entanto, já na época, alguns jornais publicaram o atestado médico mostrando que ele não morreu de “espanhola”. Portanto, a questão que fica é: por que será que a historiografia eternizou Rodrigues Alves como um presidente que não só combateu as epidemias, mas também que, heroicamente, morreu junto com seu povo? Agora, acho que Heloisa vai complementar.

*Heloisa Starling:* Não. São duas coisas. Uma, senador, o senhor não sabe.

*Randolfe Rodrigues:* Essa é uma revelação desta live.

*Heloisa Starling:* Quem matou Rodrigues Alves? (risos)

*Lilia Schwarcz:* Quem matou Rodrigues Alves? (risos)

*Randolfe Rodrigues:* Até agora, até esta live, o grande tema do brasileiro era quem havia matado Odete Roitman<sup>21</sup>.

*Heloisa Starling:* Nós pensamos nisso!

---

21 Odete Almeida Roitman, personagem ficcional da novela *Vale Tudo* (1988), cujo assassinato foi cercado de grande mistério.

*Lilia Schwarcz:* Vamos passar. Vamos avançar agora!

*Heloisa Starling:* Achamos aqui, em Belo Horizonte, uma página de anúncios de jornal em que havia vários anúncios de remédios para gripe espanhola. Um dos anúncios era veiculado por uma farmácia que ficava na Rua da Bahia, aqui em Belo Horizonte. Nessa farmácia, eles estavam dizendo que tinham achado um remédio infalível. Está no anúncio. Eles tinham achado um remédio infalível. Era tomar um comprimido por dia. O comprimido se chamava cloroquinino. Era a cloroquina. Aí os médicos disseram: não. Isso não se pode fazer por duas razões: uma, isso é para malária. Minas Gerais tem uma região endêmica de malária e esse remédio é utilizado para essa doença; dois, essa quantidade pode provocar efeito colateral grave, porque o sujeito entra na farmácia e compra, ele não sabe o que ele está tomando nem a quantidade do que ele está tomando. Então, o senhor veja que o cloroquinino, ou a cloroquina, existe em comprimido desde 1918. Nós voltamos 100 anos no tempo. E com os médicos dizendo a mesma coisa: cloroquina é para usar contra a malária. Não faça isso!

*Randolfe Rodrigues:* Tem um capítulo sobre isso no livro?

*Heloisa Starling:* Sim!

*Lilia Schwarcz:* Está no livro. Há vários capítulos.

*Randolfe Rodrigues:* Qual o título desse capítulo? Porque o título desse capítulo poderia ser “Cloroquina: ontem e hoje”.

*Lilia Schwarcz:* Não, porque em todos os estados as pessoas usam. É impressionante!

*Heloisa Starling:* Elas usam o sal de quinino, mas o comprimido nós só achamos aqui, na modernidade de Belo Horizonte. Não é isso?

*Randolfe Rodrigues:* Agora me despertou uma curiosidade aqui porque, salvo engano, a própria morte do Rodrigues Alves tinha consequências. Aquela era a segunda eleição dele. Ele já tinha sido presidente da República até 1910 e foi reeleito naquela oportunidade. E aí é chamada uma eleição às pressas. Salvo engano, me corrijam, quem assume o governo provisoriamente é Delfim Moreira<sup>22</sup> e é realizada uma nova eleição, sendo eleito presidente Epitácio Pessoa<sup>23</sup>. Porque era o regime do governo dos coronéis da república café com leite. Nós temos aqui uma paulista e uma mineira, coincidentemente. Promove-se uma eleição em que o presidente estava em Paris, estava fora, e ele só volta para a posse, tamanha era a fraude daquele processo eleitoral. E aquela eleição, se não me engano, é a última em que Ruy Barbosa disputa e sai derrotado.

*Lilia Schwarcz:* De novo.

*Senador Randolfe Rodrigues:* Sai derrotado de novo. O Brasil perdeu, abdicou de ter Ruy Barbosa como presidente. Aliás, eu costumo dizer que nós perdemos muitas oportunidades. Nós poderíamos ter tido Ruy

---

22 Delfim Moreira (1868-1920) foi um político brasileiro. Assumiu a Presidência da República após o falecimento de Rodrigues Alves, em 16 de janeiro de 1919.

23 Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa (1865-1942) foi um político brasileiro, diplomata, professor, jurista brasileiro e presidente da República entre 1919 e 1922. O período de governo foi marcado por revoltas militares que acabariam na Revolução de 1930.



Barbosa como presidente. Nós poderíamos ter tido Leonel Brizola<sup>24</sup> como presidente. Nós perdemos uma série de oportunidades na história. Mas tudo isso é para dizer o seguinte: vocês chegaram a identificar qual a verdadeira razão que estaria por trás dessa omissão do real motivo da morte de Rodrigues Alves?

*Heloisa Starling:* A estrutura que montamos do capítulo é um pouco policial. Tem o corpo, aí entra o enterro, o velório. Então, você tem o corpo, todos os suspeitos, e vamos tentando identificar. O que tentamos construir foi no sentido de descobrir a origem do boato, o que chamamos hoje de *fake news*. A quem ele atendia e quais os interesses que ele atendia tão bem que engoliu a história? Porque, se você pensar, na verdade o boato cresceu e engoliu o fato durante 100 anos. Isso que a Lilia falou. Quer dizer, o que tentamos nesse capítulo foi mostrar como o boato surgiu, a quem ele atendeu e como ele atendeu. No meu entender, esse boato atendeu aos interesses das oligarquias de Minas Gerais e São Paulo, porque, para eles, a possibilidade de Rodrigues Alves morrer de gripe espanhola seria melhor para o acordo das oligarquias. Naquela oportunidade, Rodrigues Alves morrer aparentemente de gripe espanhola foi muito crível para a população, e a criação e manutenção dessa mentira também funcionou muito bem para a família dele, no sentido de que livrou a cara da família. E aí nós descobrimos duas coisas, levou 100 anos para que um jornalista e um historiador trouxessem essa discussão à cena. Foi o Ruy Castro<sup>25</sup> o jor-

---

24 Leonel Itagiba de Moura Brizola (1922-2004) foi um engenheiro civil e político brasileiro, considerado um líder da esquerda. Foi governador do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, sendo o único político eleito pelo povo para governar dois estados diferentes em toda a história do Brasil.

25 Jornalista, biógrafo e escritor brasileiro.

nalista, que vai dizer assim: “Olha, o fato não parece ser esse” e fomos investigar a partir daí; e o José Murilo de Carvalho, que, exatamente no *Arquivo S*, dá uma entrevista falando: “Não existe documento”, e aí nós fomos atrás pra ver se era isso mesmo. E não existe mesmo. Isso que a Lilia falou é incrível, os jornais da época dizem. Todo mundo fica bem discreto, né, Lilia?

*Lilia Schwarcz:* Um jornal publicou o atestado na segunda página, senador, e bem pequenino.

*Randolfe Rodrigues:* E qual a real causa que está no atestado de óbito?

*Heloisa Starling:* Ele tinha uma doença chamada assistolia perniciosa, que é uma enfermidade que estava com ele pelo menos desde 1912.

*Lilia Schwarcz:* E já fazia muito tempo que ele tinha essa doença. Então, isso comprova como não se confirma a ideia de que o presidente morreu de “espanhola”. Mas o desencontro de informações mostra as entranhas desse jogo paulista e mineiro. Ou seja, esses estados teriam eleito um presidente muito doente. Então, melhor do que isso era dizer: “Não, o presidente foi tomado por uma causalidade, por uma fatalidade”, a mesma que estava fazendo com que seu povo sofresse. A história foi contada de forma a engrandecer a figura do estadista, o estadista que não morreu de uma doença dele, crônica a essas alturas. Morreu para salvar a nação.

*Randolfe Rodrigues:* Calma, calma, calma, meninas. Espera aí, vocês estão falando de uso da cloroquina, de *fake news* e ainda do uso político de uma pandemia. Vocês descreveram mesmo 1918 ou foi 2020? Eu não imaginava que haveria tantas similaridades, tanta atualidade. Só falta vocês dizerem que, junto com tudo isso, alguns governantes fizeram

uso ideológico para movimentar suas bases naquele período. Teve isso ou não?

*Lilia Schwarcz:* Em Porto Alegre, o governo retardou a questão até o momento da eleição. Ou seja, era preciso parar tudo, só depois da eleição eles falaria da gripe espanhola. Mas a doença já estava por lá desde setembro e de fato houve um uso ideológico imenso. Porque, você sabe melhor que nós, em situação de anomia na área da saúde, é possível usar a doença, a peste, para um lado ou para outro lado. Em 1918, quem estava na situação queria ficar calado, quem estava na oposição queria levantar a bola. Isso acontece não só em Porto Alegre, também em Recife e Manaus. Ou seja, essa ideia do uso ideológico da doença há 100 anos e agora. Isso não mudou.

*Heloisa Starling:* E tem uma outra coisa, senador. Pode parecer que estamos ajeitando a história com a mão, mas é verdade, garantimos que é verdade. Teve uma coisa incrível que foi a questão da economia. A Bahia, por exemplo, não falava que tinha gripe espanhola, que a cidade estava contaminada, porque iria fechar o porto. E nós precisamos lembrar que, nesse caso, estamos contando com Recife e toda a área econômica do Norte, não poderia fechar o porto. Então, a estratégia foi a seguinte: vamos esconder isso em Recife, vamos deixar esse negócio de gripe espanhola lá longe, vamos colocar os doentes longe para que a população não veja, como se fosse possível esconder o vírus.

A questão econômica foi muito importante para se tentar esconder a pandemia. O caso de Salvador foi um caso que me impressionou, porque era discussão sobre o porto o tempo todo, com o governo da Bahia dizendo: “Não, aqui não tem nada”. Na Bahia, eles diziam isso. Em Recife, diziam que tinha uma gripe benigna. Em Salvador, falavam “gripe nenhuma! Não tem nada acontecendo aqui”. Tem uma frase que eu encontrei

e não acreditei. Eles falavam assim: “Isso é coisa dos maus patriotas que querem falar mal do estado da Bahia. São os baianos não patriotas querendo diminuir a importância da Bahia”. O político foi para o Rio de Janeiro falar um negócio desses.

*Senador Randolfe Rodrigues:* Já falavam que iriam paralisar a economia, que iriam...

*Lilia Schwarcz:* Argumento forte também em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre. Quando a epidemia se prolonga, sempre ocorre a pressão do mercado. Quando a epidemia de 1918 passou dos dois meses, esses mesmos argumentos de 2020 (que o comércio não pode ficar fechado) foram acionados. O problema é que esse tipo de argumentação econômica, que procura se sobrepor à argumentação científica e sanitária, já estava muito evidente em vários estados nesse momento. É muito impressionante.

*Randolfe Rodrigues:* Qual foi a duração e as consequências da pandemia? Nós estamos aqui tendo a expectativa da vacina; obviamente, em 1918, era difícil até ter uma ansiedade para a vacina chegar porque era muito mais difícil a produção de vacinas. Como foi o retorno à normalidade, de andar na rua sem as máscaras, sem os cuidados? Como o vírus se estabilizou? E aí vou engatar essa pergunta numa outra. No início da pandemia atual, dizia-se que a pandemia era democrática, atingia a todos. Nós estamos há quase 10 meses vivenciando essa situação e vimos que de fato ela atinge a todos, mas atinge principalmente os mais pobres.

A maioria das vítimas, em todos os cantos do país, tem distinção de cor, tem distinção claramente de classe social. São os pretos que são mais atingidos, são os mais pobres que moram na periferia. Estima-se hoje que isso causaria uma consequência no agravamento da desigualdade.

Quero perguntar a vocês da pandemia de 1918, em primeiro lugar: quanto tempo durou, quanto tempo até as pessoas retornarem à normalidade? Em 1919 as pessoas já estavam vivendo de forma que se pode chamar de “normal” ou demorou um pouquinho mais? E, já que não teve vacina, a vacina demorou mais um tempo, como foi essa decisão de voltar à normalidade? E em segundo lugar: vocês chegaram a pesquisar a repercussão na economia e as repercussões sociais que ocorreram por conta da pandemia de 1918? Aprofundou a desigualdade social no Brasil e ao mesmo tempo retrocedeu o crescimento econômico no ano de 1918 e nos anos seguintes?

*Heloisa Starling:* Só um pé de página, a Lilia pode explicar. Mas, sobre as duas coisas, eu gostaria de falar. Temos a ideia de que o vírus é democrático; ele não é democrático, ele é aleatório. E é por isso que ele transmite essa impressão de ser democrático. Ele não escolhe, ele vai, e o que ele faz é escancarar a desigualdade. O senhor tem razão. Quer dizer, na hora que eu tenho as condições X e a pessoa que tem um hospital público tem as condições Y. A pessoa que é pobre, que está morando em uma casa com mais... por exemplo, cito as casas de cômodo em Salvador; dizia-se que a culpa era da pobreza. Quem está disseminando o vírus são os pobres. Ora, ninguém mora em uma casa de cômodo com mais 20 pessoas por gosto. Tem uma questão da desigualdade aí. O que eu acho que o vírus fez em 1918, e também hoje, foi escancarar a desigualdade. Ele é aleatório e escancara a desigualdade. A outra coisa é que não existe vacina para a gripe espanhola até hoje. Na verdade, até hoje não se sabe exatamente qual é o vírus responsável pela gripe espanhola. Eles não conseguiram, mesmo com todas as pesquisas, descobrir isso até hoje. Então, também há consequências, porque, naquela época, os médicos entendiam sobre micróbios, mas ainda não tinham descoberto o vírus. Eles desconfiavam que havia algo

menor do que micróbios, do que as bactérias, mas eles ainda não tinham microscópio para comprovar isso.

*Lilia Schwarcz:* É basicamente isso que a Heloisa já explicou muito bem. Eu queria só acrescentar que nós sabemos que o Brasil vai sair mais pobre e mais desigual da pandemia da covid-19. E o Brasil tornou-se mais desigual e mais pobre depois de 1918 também. Se analisarmos estado por estado, essa balela, essa panaceia de uma doença democrática não se sustenta; não se sustentou em 1918 e não se sustenta em 2020. Em 1918, como a Heloisa já contou, a gripe chegou de navio e foi contaminando. Agora, em 2020, sabemos que ela veio de avião. E o que hoje assistimos é um espetáculo nada democrático – são as populações, em 2020, de baixa renda e, dentre as populações de baixa renda, as populações negras que estão sendo mais prejudicadas, contaminadas e morrendo também de covid-19.

Em 1918, o que aconteceu? Estamos no contexto imediatamente após a abolição da escravidão: estamos no período que nós historiadores chamamos justamente de pós-abolição. A nossa Lei Áurea, de 1888, foi muito conservadora, porque não se pensou na inclusão social. Então, se nós formos olhar o Rio de Janeiro, onde a gripe pegou mais? Nos morros, onde a população liberta, a população negra, foi morar. Em São Paulo, quais são os grandes afetados além dos negros? Os imigrantes que moravam em cômodos com muitas pessoas; no Rio Grande do Sul, a mesma coisa. Em Manaus foi igualmente dramática a situação com os indígenas, que foram fortemente afetados. E mais, todas essas cidades passavam por momentos de reforma urbana e estavam tratando de expulsar a pobreza. Então, se não havia equipamento de saúde para tratar as elites, o que dizer das populações espalhadas nos subúrbios? Outra questão importante – a Heloisa já falou do micróbio muito bem – é que em geral agora nós sabemos que estamos falando de H1N1.

*Heloisa Starling:* Lembra a gente estudando isso? Enlouquecendo os médicos?

*LiliaSchwarcz:* É, e estamos novamente com uma epidemia de H1N1. Qual é a especificidade? É que, em geral, essas epidemias vêm em várias ondas. O Brasil, em 1918, foi afetado pela segunda onda. Essa epidemia já havia começado. As teorias coincidem com a ideia de que foi em Kansas, nos Estados Unidos, que a epidemia começou. Portanto, as tropas norte-americanas foram para a Primeira Guerra com duas armas poderosas: as armas de verdade e a epidemia da gripe. Só que, nos Estados Unidos e na Europa, a gripe espanhola chegou por volta de março; no Brasil, ela entra com o navio que vem contaminado, o Demerara, no segundo semestre, agosto, setembro. Da mesma forma que está acontecendo no Brasil, ela também foi escalonada. Em Manaus ela chegou no final do ano de 1918 e continuou firme em 1919. O que as pessoas fizeram, senador? Nós colocamos no livro uma foto incrível do carnaval no Rio de Janeiro de 1919. Rui Castro diz que foi o carnaval mais animado que o Brasil conheceu. Por que foi tão animado? Porque as pessoas estavam muito perdidas, demoraram para sair das suas casas, tinham muita insegurança e aí não conseguiam entender se elas tinham que comemorar que ainda estavam vivas ou se elas iam comemorar porque ficariam vivas. Porque o medo da pandemia é esse: não sabemos se virá uma segunda onda ou se estamos vivendo uma grande, alargada e extensa pandemia. A insegurança, a falta de certeza, produz muita confusão. Produz mais insegurança, mais incertezas. Isso aconteceu em 1918 e está acontecendo agora em 2020.

*Heloisa Starling:* Porque são duas coisas. Uma é pensarmos que hoje nós poderíamos ter tido uma coordenação nacional, que não existia em 1918. Em 1918 não existia Ministério da Saúde e os estados tinham autonomia para lidar com a saúde. Hoje nós poderíamos ter enfrentado com uma

coordenação nacional, com informações nacionais e com um comando geral, e nós perdemos isso. Isso produz uma enorme confusão.

*Randolfe Rodrigues:* Pelo que a Lilia falou agora, é até errado falar de pandemia ou epidemia de 1918. Foi uma pandemia/epidemia de 18/19, porque, pelo seu relato, em Manaus, por exemplo, ela só chega em 1919. Então, deve ter se alongado. Hoje ela anda mais rápido porque os meios de comunicação e transporte são mais rápidos.

*Lilia Schwarcz:* Exatamente.

*Randolfe Rodrigues:* Ainda não existiam os grandes aviões de linhas aéreas em 1918/19. Imagino, então, que a gripe espanhola – é até inadequado tratá-la de espanhola, não é? – não foi só de um ano. Nesse episódio que a Heloisa destacou, nós vivemos hoje, por parte dos governos – isso é paradoxal –, uma espécie de negacionismo em relação à pandemia. Repetidas vezes o presidente da República se comporta dessa forma. Parece que esse aspecto, comparado com a pandemia de 1918, é um retrocesso, porque as autoridades não negavam. Embora tenha faltado também uma coordenação nacional, parece-me que não tinha – me corrijam se eu estiver errado – uma negação por parte das autoridades.

O que tem de similaridades no comportamento de governos e de diferenças no comportamento de governos em 1918 e 1919 em relação aos comportamentos atuais? Atualmente há um negacionismo que nós não sabemos se é por ignorância ou se é uma estratégia política. Parece até um pouco de estratégia política. Existiu tudo isso por parte das autoridades na pandemia do século passado? E, se existiu algum negacionismo, ele foi por ignorância ou foi por estratégia?



*Heloisa Starling* Não. Veja, existiu negacionismo. Todos os governos diziam: não tem gripe ou é benigna. Todos! E não era por ignorância, era uma estratégia política, ou por questões econômicas, ou por questões econômicas e políticas: “vou ter eleição em 1919 e não posso ter uma epidemia aqui”. Então, a ideia era “vamos ver se esse negócio passa, vamos empurrar isso para debaixo do tapete, ver se esse vírus, se essa gripe passa depressa e ninguém presta atenção”. As autoridades só assumiram na hora em que as cidades pararam. Foram raras as cidades em que as autoridades comandaram o curso das coisas e não simplesmente correram atrás do prejuízo. Elas comandaram o processo de isolamento, tomaram as medidas pertinentes quando se defrontaram com a peste.

Há duas diferenças que acho que são importantes de notar, porque é algo que nós precisamos pensar no Brasil de hoje. Primeiro, todas as autoridades em 1918, quando se deram conta de que não poderiam esconder o vírus e não poderiam negar o vírus, apelaram para a ciência. Não houve nenhum governo estadual que contestasse a ciência. Todos eles apelaram para a ciência, para os médicos e para os cientistas. Todos, inclusive os que negaram. Então, essa é uma diferença importante

A outra coisa que é importante foi a reação da população. Nós não vimos em 1918 nenhuma situação em que setores da sociedade debochassem da morte, fossem indiferentes à morte. Ao contrário, a sociedade, como um todo, em várias cidades, fez o que podia para se organizar e ajudar o outro. Então, houve um laço de solidariedade social que não consigo ver hoje. Essa é uma diferença importante, porque, se nós perdemos isso, nós perdemos nosso elo forte de cidadania. Em 1918, as pessoas não desafiavam a morte, as pessoas têm compaixão pelo outro. Não existe nenhuma cidade em que nós tenhamos visto – a Lilia pesquisou e eu também para ver se achava – algum setor da população que tenha rido ou dito que não precisava tomar providências. Ao contrário. A sociedade reagiu de modo muito digno. Nós deveríamos ter aprendido isso.

*Senador Randolfe Rodrigues:* Parece-me, então, que em 2020 nós perdemos um pouco de humanidade, comparado com 1918.

*Heloisa Starling:* E solidariedade.

*Lilia Schwarcz:* Eu relativizaria um pouquinho, porque eu acho que há setores da sociedade que não estão se mobilizando, mas penso que existem setores que estão se engajando na luta. A sociedade civil brasileira vai comparecendo. O que existe sim – aí eu concordo totalmente com a Heloisa – é essa ideia de que não houve cidade em 1918 que negou, que abriu mão da solidariedade. Já que temos mais três minutos, posso falar mais uma coisinha, que não comentamos? A Heloisa vai gostar.

*Senador Randolfe Rodrigues:* Não, não. Nós temos tempo. Nós temos tempo? Pergunto aqui para a técnica. Vamos estendendo aí mais alguns minutos, por favor.

*Lilia Schwarcz:* Uma outra coisa que tínhamos que falar é sobre a religiosidade popular.

*Heloisa Starling:* Muito bem, Lilia Schwarcz, muito bem!

*Lilia Schwarcz:* Tem um lado muito interessante que pesquisamos para o livro. Nos diferentes estados, cada um respondeu com os seus conhecimentos, os seus saberes. Por exemplo, no Rio de Janeiro, divulgou-se a ideia de que o que iria acabar com a gripe espanhola, com a gripe bailarina, era a canja de galinha. Então, as galinhas tiveram seu preço muito inflacionado...

*Senador Randolfe Rodrigues:* Conte-nos por que gripe bailarina?

*Lilia Schwarcz:* Gripe bailarina justamente porque – é o que está acontecendo conosco agora – o vírus se transmuta, o vírus vai mudando, então é muito difícil saber como neutralizá-lo, porque ele vai se alterando. E é tão engraçado que, no Rio de Janeiro, onde sempre fazem troça de tudo, o pessoal começou a brincar que as mulheres andavam com ciúmes dessa “tal de bailarina”. Nós colocamos no livro várias charges mostrando, por exemplo, a moça com uma panela batendo no marido, dizendo: “Quem é essa bailarina? Quem é essa bailarina?”

Mas o que eu estava dizendo, que acho muito importante, são esses saberes populares. Canja de galinha no Rio de Janeiro. Em São Paulo, divulgou-se a ideia de que a caipirinha ia acabar com a gripe bailarina. Aí o preço do limão, bum, foi para cima. No Rio Grande do Sul, foi proibido o chimarrão, e a Heloisa foi quem me chamou à atenção. Por que foi proibido o chimarrão? Porque era uma prática coletiva, em que as pessoas passavam o canudo de boca em boca. Na Bahia, os orixás foram todos convocados. E, em Belém, apareceu a ideia de que uma santa tinha chorado. E assim a história viajou pelo Brasil. No fim, descobriram que, na verdade, o que tinha acontecido é que uma pessoa que foi arrumar a santa deixou um pouco de parafina no olho dela. Mas naquela altura ninguém mais queria desmontar o milagre da santa que chorou.

Enfim, é muito bonito ver também esse outro tipo de saber atuando, para além do saber médico. Associaram-se conhecimentos e práticas curativas.

*Senador Randolfe Rodrigues:* Vou fazer uma provocação aqui. Estamos já nos encaminhando para o fim. Eu estou superentretido, desculpem-me, Lilia e Heloisa. Pela minha vontade, eu cancelaria tudo que vou ter mais tarde. Eu estou em uma oportunidade única, repito, estar com as minhas duas referências na historiografia do Brasil, com duas ídolas minhas aqui conversando, não é?

Então, eu acho que quem estiver assistindo pela TV Senado, pelo YouTube da TV Senado, está tendo uma grande oportunidade de ver uma experiência do passado e as interfaces com o que estamos vivendo no presente. Mas, já encaminhando aqui para o finalmente, eu quero partir, Lilia, inclusive de uma reflexão sua. Até esta pandemia, muitos jornalistas e até historiadores diziam que o século XXI havia iniciado com o atentado às torres gêmeas. A Lilia tem feito uma afirmação, e falou isto no Roda Viva: que o século XX vai terminar junto com esta pandemia que estamos vivendo, assim como o século XIX terminou com a Primeira Guerra Mundial.

Eu quero perguntar para a duas, a partir de tua provocação, Lilia, que eu acho muito pertinente, inclusive para nós, pois é dever do historiador, refletindo sobre a história, fornecer seu olhar do futuro. E, se nós tivéssemos tido mais dados sobre 1918 e 1919, se o livro de vocês talvez tivesse circulado antes, quem sabe não influenciaria muita gente a tomar melhores decisões, ou não, como diz o meu amigo Caetano<sup>26</sup>; ou não, porque, enfim, em tempos de negacionismo talvez não teria bibliografia, por melhor que fossem as historiadoras, que pudesse ajudar. Então, podemos fazer uma perspectiva em relação ao futuro? Primeiro eu quero começar pela Lilia, porque você faz essa mudança de padrão temporal, colocando como padrão temporal esta pandemia como o início do século XXI ou, se preferir, como o encerramento do século XX. E aí, para você e para Heloisa, além dessa reflexão, pergunto: há uma reflexão também que diz que a história avança com epidemias, com guerras e com revoluções, ou seja, com o aço, com as armas e com o vírus. Nós estamos em um momento de avançar na história, e qual é a história com essa pandemia? Enfim, o que nós podemos ter de ensinamentos dessa pandemia para que a história avance?

---

26 Caetano Emanuel Viana Teles é um músico, produtor, arranjador e escritor brasileiro.

*Lilia Schwarcz:* Bom, essa foi uma entrevista que eu dei e que repercutiu muito, então, até aproveito para fazer uma propaganda, porque eu escrevi um livro, um ensaio, que se chama *Quando acaba o século XX*. Está aberto, é só baixar na Amazon. É totalmente aberto, livre.

*Senador Randolfe Rodrigues:* E quem gosta do livro escrito pode ir atrás nas livrarias ou não?

*Lilia Schwarcz:* Esse livro é só *online*, é só gratuito mesmo. O que eu fiz? Eu usei uma reflexão do historiador inglês Eric Hobsbawm<sup>27</sup>, que disse justamente que o século XIX foi muito longo porque acreditou piamente na ciência, no progresso, na tecnologia e passou por essa experiência de uma guerra, da Primeira Guerra Mundial, que foi um evento violento, com as pessoas batalhando nos campos.

Hobsbawm não falou, porém, que talvez o século XIX só acabou depois da epidemia de 1918, porque esse foi um século que achava que a ciência redimiria tudo. E a ciência não deu conta. É por isso que eu digo que o nosso século só vai acabar quando sairmos dessa situação de pandemia. Porque o nosso século apostou tudo na tecnologia, e eis que grandes nações, pequenos povos, todos estamos parando por conta de um microrganismo que não pode ser visto a olho nu. O que vamos tirar disso?

Talvez – e quero muito ouvir a Heloisa também – vamos tirar um pouco da nossa onipotência. Porque eu quero crer, senador, na minha opinião, que o século XX foi um século muito onipotente, ou seja, um século violento, de muitas guerras, e a ideia de que nós possuímos a lin-

---

27 Eric John Ernest Hobsbawm (1917-2012) foi um historiador marxista britânico, reconhecido como um importante nome da intelectualidade do século XX.

guagem da tecnologia dessa maneira é uma coisa muito humana, como diz o Krenak<sup>28</sup>. Ou seja, parte dessa civilização predatória que somos nós.

É muito interessante pensar que a pandemia não parou os animais, estão felizes aí, os passarinhos, não é? Parou os seres humanos; então, acho que talvez seja o momento de refletirmos sobre como estávamos levando as nossas vidas e o nosso planeta ao limite. E cair da nossa soberba, cair da nossa onipotência.

*Senador Randolfe Rodrigues:* O pessoal está me dizendo o seguinte, para eu me conter, mas eu não consigo me conter com vocês duas, perdoem-me. Então, do ponto de vista político, nós estamos vivendo um fim de século XX e início de século XXI também de ascensão de movimentos populistas de extrema-direita no mundo.

*Lilia Schwarcz:* Sim!

*Senador Randolfe Rodrigues:* Temos o que acontece na Hungria, com Erdogan<sup>29</sup> na Turquia, no Brasil com Bolsonaro<sup>30</sup>, nos Estados Unidos com Trump<sup>31</sup>. É paradoxal que, ali no final da Primeira Guerra, a ascensão dos movimentos nacionalistas de extrema-direita também ocorreu: o

---

28 Ailton Alves Lacerda Krenak é um líder indígena, ambientalista, filósofo e escritor brasileiro. É considerado uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro, possuindo reconhecimento internacional.

29 Recep Tayyip Erdoğan é um político turco, atual presidente da Turquia. Anteriormente, ocupou o cargo de primeiro-ministro do país entre 2003 e 2014.

30 Jair Messias Bolsonaro é um capitão reformado do Exército Brasileiro, político e atual presidente do Brasil. Foi deputado federal entre 1991 e 2018.

31 Donald John Trump é um empresário, personalidade televisiva e político americano. Foi o 45º presidente dos Estados Unidos (2017-2021).

fascismo começa em 1923 na Itália, o nazismo em 1930 começa a ascender na Alemanha, depois tem o franquismo na Guerra Civil Espanhola, e por aí vai.

*Lilia Schwarcz:* É o fim da República de Weimar, certo, senador?

*Senador Randolfe Rodrigues:* É o fim da República de Weimar<sup>32</sup>. Então, vimos que temos muitas similaridades. A estratégia negacionista dos movimentos populistas de extrema-direita, no passado, é a mesma um século depois. No passado, a pandemia não impediu a ascensão desses movimentos populistas de extrema-direita. O que vocês acham? Isso tem reflexo na atualidade? A pandemia agora, pelo impacto e pela velocidade que teve, será que terá reflexo em relação a isso?

*Lilia Schwarcz:* Com você, Heloisa.

*Senador Randolfe Rodrigues:* Tudo o que eu coloquei para a Lilia e mais isso, Heloisa, para você.

*Heloisa Starling:* Vai, Lilia, vai lá. Eu vou pegando carona nela.

*Lilia Schwarcz:* Eu penso que sim, senador. Acho que cabe pensar no que aconteceu com o experimento da República de Weimar, que era um experimento democrático.

---

32 A República de Weimar (1919-1933) é a designação histórica pela qual é conhecida a república estabelecida na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial. Durou até o início do regime nazista, tendo como sistema de governo uma democracia representativa semipresidencial.

*Heloisa Starling:* Muito democrático!

*Lilia Schwarcz:* Um experimento liberal democrático que foi enfim invadido pela linguagem dos totalitarismos, e olha o que estava acontecendo conosco. Ou seja, 2018 foi um momento de crescimento desses governos de raiz autoritária, populistas. Nós colocamos no poder dirigentes que acham que não precisam falar com as instituições democráticas, que não precisam falar com a imprensa, que tampouco precisam falar com a ciência e com a academia. As similitudes são grandes. E o que nós vimos crescer nesse momento do entreguerras foram os experimentos radicais de esquerda e sobretudo de direita. Estamos falando do nascimento do fascismo e do nazismo. Eu concordo que o fascismo é uma experiência histórica datada. No entanto, o fascismo não é só uma experiência histórica. O fascismo é também uma experiência, uma forma de compreender o mundo, uma forma autoritária de compreender o mundo, e nós estamos vivendo isso muito claramente. Esses são sobretudo governos – vou falar do meu lado feminista – masculinos, autoritários, brancos, que estão apanhando muito da pandemia. E quais são os governos que estão se dando melhor? Eu sei que os tamanhos são diferentes, mas são todos governos de mulheres.

*Senador Randolfe Rodrigues:* Alemanha, Nova Zelândia...

*Lilia Schwarcz:* Vamos pensar na experiência da Bélgica, a experiência de Taiwan, de Singapura e mesmo da Alemanha. São governantes mulheres que falam em nome do Estado e dão diretrizes claras, o que não acontece com esses governos autoritários, tão viris, mas que dão mensagens absolutamente ambivalentes. Penso que são pessoas socializadas no saber do “cuidado”. Ou seja, eu acho que um dirigente político tem que cuidar da nação.



*Senador Randolfe Rodrigues:* Heloisa.

*Heloisa Starling:* Acho que nós estamos numa encruzilhada: da mesma forma que 1918 apresentou uma encruzilhada, nós hoje estamos vivendo uma encruzilhada semelhante. Quando Lilia e eu resolvemos fazer esse estudo da gripe espanhola, estávamos começando a quarentena. Lilia tinha voltado de Princeton e nós não estávamos entendendo nada do que estava acontecendo; e aí, como historiadoras, fomos perguntar para o passado e o passado nos respondeu com 1918. Entendemos então que há uma encruzilhada que tanto poderia permitir a reação da sociedade no sentido de garantir os seus valores democráticos e garantir a liberdade quanto à ascensão das experiências totalitárias. Stalinismo, fascismo e nazismo são formas históricas do totalitarismo. Mas o totalitarismo é a forma de dominação da modernidade. É por isso que nós estamos diante de elementos que identificamos no passado como fazendo parte de uma essência totalitária.

O que a sociedade brasileira vai decidir nessa encruzilhada que nós estamos? Ela vai resgatar aquilo que tem de melhor em 1918, que foi a experiência da solidariedade social, a experiência da compaixão, o respeito à ciência, a ideia de como enfrentar a solidão e como cada vida vale igual, cada brasileiro, cada vida de brasileiro vale a mesma coisa? Nós vamos fazer isso, que foi o que a sociedade nos ensinou lá em 1918? Ou vamos fazer o contrário, vamos apostar naquilo que é a dissolução da nossa comunidade política, da nossa sociedade, ou seja, a voracidade de indivíduos radicalmente egoístas, os, como diria o Carlos Drummond de Andrade<sup>33</sup>, “inocentes do Leblon”? Em que a sociedade brasileira vai apostar?

---

33 Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) foi um poeta, contista e cronista brasileiro, considerado por muitos o mais influente poeta brasileiro do século XX.

É uma encruzilhada e está faltando, na minha opinião, que viabilizemos isso para a sociedade, ou seja, que digamos de cada lugar em que estamos: na universidade – não é à toa que as universidades estão sendo tão combatidas – no Senado e em todos os lugares. É preciso criar os viabilizadores cívicos, aqueles que dizem para a sociedade: não se perde impunemente a liberdade, não se perde a compaixão, não se perde a referência do outro. Nós temos uma experiência que nos diz isso. Temos um legado que a gripe espanhola nos deixou, um legado de liberdade, de solidariedade, de compaixão. Nós temos que buscar esse legado. Quem não tem herança não consegue construir, mas quem tem possui elementos para essa construção. Então acho que essa encruzilhada é muito decisiva para nós, porque temos que buscar nosso legado. O que nós vamos buscar no passado?

*Senador Randolfe Rodrigues:* Meninas, eu queria agradecer muito a vocês. Veja, eu acho que Heloisa fez uma provocação que sintetiza o dever do historiador: diante dos dilemas que se colocam, perguntar para o passado o que ele nos ensina. Eu quero recomendar profundamente a obra de vocês, *A bailarina da morte*, de Lilia Schwarcz e Heloisa Starling, com a história da gripe espanhola. Está na via digital e também na via física, nas livrarias.

*Lilia Schwarcz:* Vai chegar!

*Senador Randolfe Rodrigues:* Por favor, Lilia.

*Lilia Schwarcz:* Está na pré-venda ainda. Vai chegar em outubro, mas já está na pré-venda.

*Heloisa Starling:* Eu acho que podemos dar um para ele. O que você acha, Lilia?

*Lilia Schwarcz:* Pode.

*Senador Randolfe Rodrigues:* Eu já me candidato.

*Lilia Schwarcz:* Mas damos um e fazemos a sabatina depois.

*Heloisa Starling:* Arguição, arguição, nós vamos fazer arguição.

*Senador Randolfe Rodrigues:* Esse é o risco dessas duas, viu? A Heloisa, toda vez que me dá uma obra de presente, Lilia, sempre diz que vai ter uma arguição em seguida. Eu já fico com a perna tremendo sob a ameaça da arguição.

*Lilia Schwarcz:* É pior do que a arguição lá no Senado, não é verdade?

*Senador Randolfe Rodrigues:* Não, não, a de vocês é “valendo”. A de vocês é “valendo” muito, a de vocês é muito mais grave, é da academia. E imagina ser sabatinado, ser arguido por duas das melhores ou as duas melhores historiadoras do país, ao mesmo tempo? Isso me lembra uma frase do pensador francês Jacques Le Goff<sup>34</sup> que diz o seguinte: “Me dá um misto de emoção e pavor ao mesmo tempo”. Esse tipo de arguição é um misto de pavor e emoção. Mas, Lilia e Heloisa, eu queria recomendar muito a obra de vocês. Nós tivemos aqui uma hora e doze minutos de

---

34 Jacques Le Goff (1924-2014) foi um historiador francês especialista em assuntos da Idade Média.

conversa, mas foi muitíssimo pouco tempo para o conteúdo e para tantas coisas que tínhamos que falar, sobretudo acerca do que nos ensinou a pandemia anterior de 1918/1919. Aprendi isso aqui, não vou mais chamar de pandemia de 1918, e sim pandemia 18/19. Também aprendi, e quem assistiu também aprendeu, que tem muito de mito na ideia de que o presidente Rodrigues Alves morreu da gripe de 1918. Como havia muitos mitos e poucas informações, as quais vocês trouxeram à tona, eu acho que a academia brasileira e o Brasil têm muito a agradecer a essa obra de vocês neste momento. Eu a recomendo veementemente.

A Heloisa, Lilia, eu já criei uma certa intimidade com ela, então, de vez em quando, eu a incomodo. Sabe que, com o perdão da expressão, “a intimidade é uma desgraça”. Não deixa criar intimidade, porque senão vou querer te incomodar muito para novos debates. Então, já se sinta provocada para isso. Eu acho que, dos historiadores, em especial das historiadoras – permita-me navegar um pouco na sua veia feminista, Lilia, eu também digo que o século XXI será muito melhor se ele for mais feminino. Os machos da nossa espécie já fracassaram demais, então, se nosso século XXI for mais feminino, acho que nós vamos melhorar muito. Essas duas belíssimas historiadoras que tanto têm nos ensinado, principalmente a apontar para o futuro. Eu queria agradecer muito a vocês, Heloisa Starling e Lilia Schwarcz, por terem concedido esse espaço e eu espero que seja um de vários debates que a sociedade brasileira promova com vocês, porque, nos ensinamentos da história em que acredito, pode ter muito das soluções para os problemas que temos no presente, no futuro. Do fundo do coração, muito obrigado, sou muito fã de vocês. O livro só vou aceitar com uma condição: se tiver o autógrafo das duas. Essa é a condição, o livro já vou atrás e vou lutar mais pelo autógrafo das duas do que pelo livro.

*Heloisa Starling:* Então nós vamos dar o autógrafo se ele levar a gente ao Amapá, não é isso, Lilia?

*Lilia Schwarcz:* Ao Amapá!

*Senador Randolfe Rodrigues:* Já está fechado o compromisso. É de imediato. Deixa a pandemia diminuir. Olha, tem um bom tratamento, viu? Levo para dançar o Marabaixo, comer filhote ao tucupi, camarão ao bafo e na esquina do rio mais belo com a Linha do Equador. Então, a propaganda eu já fiz aqui e o convite também já está feito. Deixa a pandemia diminuir, ficar tudo mais tranquilo. Faço questão de trazer as duas; provocação feita, provocação acatada. Heloisa e Lilia, muitíssimo obrigado!

*Lilia Schwarcz:* Combinado. Obrigada.

*Senador Randolfe Rodrigues:* Então, vocês assistiram a um dos melhores, permitam-me dizer, senão o melhor debate do “Diálogos sobre a Pandemia”, com Heloisa Starling e Lilia Schwarcz. E com isso concluímos a nossa série. E desculpem-me dizer, mas acho que nós concluímos da melhor forma. Eu queria agradecer a todos que nos assistiram pelo canal do YouTube da TV Senado e a todos que nos acompanharam pelas nossas páginas sociais, seja da TV Senado, seja do Conselho Editorial, ou por meio da minha página. Um grande abraço! Tchau, Lilia, tchau, Heloisa!

*Lilia Schwarcz* Obrigada!

*Heloisa Starling:* Obrigada!

*Senador Randolfe Rodrigues:* Obrigado!

# Glossário

*Cloroquina* Difosfato de Cloroquina é indicado para a profilaxia e tratamento de ataques agudos de malária em regiões onde a malária é suscetível ao seu efeito. O medicamento também é indicado para o tratamento da amebíase extraintestinal.

*Sal de quinino* É um alcaloide de gosto amargo que tem funções anti-térmicas, antimaláricas e analgésicas. É extraído da árvore Quina. Além de ser um fármaco, é utilizado como flavorizante da água tônica.

*Coronavírus* Família de vírus (Cov) que provoca variadas doenças em animais e pessoas, especialmente infecções respiratórias, sendo sua manifestação mais severa conhecida como Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS-Cov).

*Organização Mundial da Saúde* De sigla OMS, é uma agência especializada em saúde subordinada à Organização das Nações Unidas, a ONU. Sua fundação se deu em 7 de abril de 1948.

*Déjà vu* Forma de ilusão da memória que leva o indivíduo a crer já ter visto ou já ter vivido alguma coisa ou situação de fato desconhecida ou nova para si. Paramnésia.

*Fake news* *Fake news* são notícias com informações ou dados inventados para alterar a interpretação e opinião das pessoas sobre deter-

minados assuntos. O termo vem do inglês *fake* (falso/falsa) e *news* (notícia/notícias), ou seja, notícias falsas. Apesar de ter ganhado destaque recentemente, a expressão já existe desde o final do século XIX.

*Covid-19* Covid é a abreviação de *corona virus disease*, ou doença do coronavírus, enquanto “19” se refere a 2019, quando os primeiros casos em Wuhan, na China, foram divulgados publicamente pelo governo chinês no final de dezembro.

*Lei Áurea* A Lei Áurea, ou Lei Imperial 3.353, foi a lei que extinguiu a escravidão no Brasil. O projeto dessa lei foi elaborado e apresentado ao Senado Imperial Brasileiro pelo senador Rodrigo Augusto da Silva, no dia 11 de maio de 1888. A votação dos senadores foi rápida e, dois dias depois, a lei foi sancionada pela princesa Isabel, que exercia, na ocasião, a função de princesa regente, já que seu pai, o imperador D. Pedro II, estava fora do país para tratar de sua saúde.

*H1N1* A gripe H1N1 consiste em uma doença causada por uma mutação do vírus da gripe. Também conhecida como gripe Influenza tipo A ou gripe suína, ela se tornou conhecida quando afetou grande parte da população mundial entre 2009 e 2010.

*Marabaixo* Manifestação folclórica afro-amapaense, que consiste em homenagear o Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade em duas partes: a sagrada (missas, novenas, ladainhas) e a profana (dança do Marabaixo, bailes).

*Tucupi* Espécie de molho feito com água de goma e pimenta, que acompanha vários pratos da cozinha do Norte do Brasil.

*Amazon* Amazon.com, Inc. é uma empresa multinacional de tecnologia norte-americana com sede em Seattle, Washington. A companhia se concentra no *e-commerce*, computação em nuvem, *streaming* e inteligência artificial. É considerada uma das cinco grandes empresas de tecnologia, juntamente com Google, Apple, Microsoft e Facebook.

*Princeton* Universidade Princeton é uma instituição de ensino e pesquisa privada, localizada em Princeton, Nova Jérsei, nos Estados Unidos, sendo uma das oito prestigiosas universidades da Ivy League (conferência desportiva de oito universidades privadas, consideradas de excelência, localizadas no nordeste dos Estados Unidos).





Secretaria de Editoração  
e Publicações







**Lilia Schwarcz**

Historiadora



**Heloisa Starling**

Historiadora



**Randolfe Rodrigues**

Senador

Mediador



BAIXE GRATUITAMENTE  
ESTE LIVRO EM SEU CELULAR

Encontre este livro gratuitamente em formato  
digital acessando: [livraria.senado.leg.br](http://livraria.senado.leg.br)

SENADO FEDERAL

